



MEMORIAL DE CÁLCULO DE DRENAGEM PLUVIAL
PROJETO DE RECUPERAÇÃO DA RUA JACY FLORENCE
MEYER FERNANDES

ABRIL DE 2022

REFERÊNCIAS CADASTRAIS

Cliente	Prefeitura Municipal de Pouso Alegre
Localização	Pouso Alegre, MG
Título	Memorial de Cálculo de Drenagem Pluvial – Projeto de Recuperação da Rua Jacy Florence Meyer Fernandes
Contato	Rinaldo Lima Oliveira
E-mail	rinaldooliveira@gmail.com
Líder do projeto	Flávia Cristina Barbosa
Coordenador	Denis de Souza Silva
Projeto/centro de custo	ATA 194/2020
Data do documento	14/04/2022

Elaborador/Autor	Flávia Cristina Barbosa	Engenheira Civil
Verificador/Aprovador	Denis de Souza Silva	Coordenador de Projeto

Isenção de Responsabilidade:

Este documento é confidencial, destinando-se ao uso exclusivo do cliente, não podendo ser reproduzido por qualquer meio (impresso, eletrônico e afins) ainda que em parte, sem a prévia autorização escrita do cliente.

EQUIPE TÉCNICA

Responsável Técnico – Coordenação

Denis de Sousa Silva Engenheiro Hídrico	
Nº CREA: MG 127.216 /D	Nº ART:

Responsável Técnico – Projeto Civil

Flávia Cristina Barbosa Engenheira Civil	
Nº CREA: MG-187.842 /D	Nº ART:

Responsável Técnico – Projeto Hídrico

Aloísio Caetano Ferreira Engenheiro Hídrico	
Nº CREA: MG-97.132 /D	Nº ART:

Elaboração

Drenagem	Igor Paiva Lopes	Eng. Hídrico - Coordenação
	Camila Pizzol	Engenheira Hídrica
	Marcela Cabral	Auxiliar de Drenagem
	Thallis Eduardo Cabral	Auxiliar de Drenagem
	Janaína Franco	Auxiliar de Drenagem
Infraestrutura	Felipe Guimarães Alexandre	Eng. Civil - Coordenação
	Abraão Ramos	Engenheiro Civil
	Gabriel Gomes	Auxiliar de Sinalização
	Letícia Noda	Auxiliar de Regularizações
	Letícia Bernardo	Auxiliar de Redes Hidráulicas
	Asheley	Auxiliar de Infraestrutura
	Erica Souza	Auxiliar de Terraplenagem
	Laura	Auxiliar de Urbanismo

Orçamentos	Bianca Baruk	Orçamentista
	Lara Almeida	Auxiliar de orçamento e projetos especiais
	Julia Santos	Auxiliar de orçamento e projetos especiais

Topografia	Jonas Guerreiro Gonçalves	Eng. Civil - Coordenação
	Anselmo Rafael Wasen	Técnico de Topografia
	Renan Henrique Santos	Assistente de Topografia
	Tiago Coli Cortes	Assistente de Topografia
	Antônio Galvão Jr	Desenhista
	Gabriel Pereira	Auxiliar Eng. Civil
	Faicon	Auxiliar Eng. Civil

Gestão	Aloisio Caetano Ferreira	Diretor Comercial e Técnico
	Denis de Souza Silva	Diretor Comercial e Técnico
	Flávia Cristina Barbosa	Gerente de Projetos
	Pedro Henrique Justiniano	Subgerente de Projetos
	Marcia Regina dos Santos Ribeiro	Assistente Financeira
	Maria Laura	Auxiliar de Escritório

Meio Ambiente	Luis Antônio	Engenheiro Ambiental
	Giulia Camerini	Auxiliar de Biologia
	Laila Andrade	Auxiliar de Eng. Ambiental

SUMÁRIO

1. ESTUDOS HIDROLÓGICOS	1
1.1. METODOLOGIA APLICADA.....	1
1.2. MÉTODO RACIONAL	1
1.2.1. COEFICIENTE DE ESCOAMENTO SUPERFICIAL.....	2
1.2.2. TEMPO DE CONCENTRAÇÃO E PERÍODO DE RETORNO	3
1.2.3. INTENSIDADE DE PRECIPITAÇÃO	3
1.2.4. VAZÃO	4
2. PROJETO DE DRENAGEM.....	4
2.1. VERIFICAÇÃO DA CAPACIDADE DE ESCOAMENTO DA SARJETA	4
2.2. BOCAS DE LOBO.....	7
2.3. ESCADA HIDRÁULICA.....	7
2.4. DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO DO RAMAL.....	7
2.4.1. DIÂMETRO MÍNIMO	8
2.4.2. CÁLCULO DA VAZÃO NO RAMAL	8
2.4.3. VELOCIDADE DE ESCOAMENTO	8
2.4.4. CAPACIDADE MÁXIMA DO RAMAL.....	10
2.4.5. DESCARTE	10
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	11
ANEXO I – PLANILHA DE DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO do ramal	12

LISTA DE EQUAÇÕES

Equação 1 - 1 – Método Racional	2
Equação 1 - 2 – Equação de Chuva Intensa	3
Equação 1 - 3 – Equação Izzard/Manning.....	5
Equação 1 - 4 – Velocidade.....	8
Equação 1 - 5 – Raio Hidráulico	9
Equação 1 - 6 – Vazão	10

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - 1 – Sarjeta tipo B.....	5
Figura 1 - 2 – Características Hidráulicas da Sarjeta	6
Figura 1 - 3 – Detalhes Hidráulicos da Sarjeta	6

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - 1 – Coeficiente de escoamento superficial	2
Tabela 1 - 2 – Valores do Coeficiente de Rugosidade para diferentes Materiais de Revestimento.....	9

1. ESTUDOS HIDROLÓGICOS

Os estudos hidrológicos irão determinar as descargas máximas nas áreas em estudo, a fim de dar base ao dimensionamento das estruturas hidráulicas do sistema de drenagem em questão. Para isso, é necessário o diagnóstico do regime pluvial e da natureza das precipitações intensas da região, como é apresentado a seguir.

1.1. METODOLOGIA APLICADA

Para a determinação da precipitação máxima utilizou-se a equação que correlaciona os parâmetros intensidade, duração e frequência de chuvas. Essa relação permite ainda a obtenção de precipitações máximas para diferentes Tempos de Concentração – TC, e Períodos de Retorno – TR. Nas estimativas de vazões a partir de dados de chuva a grandeza utilizada é a Precipitação Excedente, pelo fato de esta contribuir efetivamente para a formação do escoamento superficial

As vazões de projeto podem ser estimadas através de métodos estatísticos diretos e indiretos. Estas metodologias são determinadas de acordo com as dimensões das áreas de drenagem, da seguinte forma:

- Sub-bacias com áreas de até 5 km²: utiliza-se o Método Racional;
- Sub-bacias com áreas entre 5 km² e 10 km²: utiliza-se o Método Racional Corrigido;
- Sub-bacias com área acima de 10 km²: utiliza-se o Método de Ven Te Chow.

Desta forma, como a bacia do projeto possui uma área menor que 5 Km², utilizou-se o método racional.

1.2. MÉTODO RACIONAL

O método mais utilizado para o cálculo da vazão a partir da transformação de chuva em vazão para análise em pequenas bacias hidrográficas é o método racional, devido à simplicidade de aplicação e facilidade do conhecimento e controle dos parâmetros necessários.

Admite-se, na sua aplicação, que a chuva apresente uma intensidade constante, uniformemente distribuída sobre a superfície da bacia, e que sua duração seja maior ou igual ao tempo de concentração na bacia. Como a intensidade de chuva decresce com o aumento

da duração, a descarga máxima resulta de uma chuva com duração igual ao tempo de concentração da bacia.

Este método, descrito matematicamente pela Equação 1 - 1, representa uma relação entre a vazão máxima de escoamento superficial e a intensidade de precipitação, dependendo das seguintes variáveis para a sua determinação: tipo de solo e do uso da terra, duração e intensidade da chuva e características físicas da rede de drenagem existente.

$$Q = 0,00278 \cdot C \cdot i \cdot A$$

Equação 1 - 1 – Método Racional

Onde:

- Q: Vazão de projeto (m³/s);
- C: Coeficiente de escoamento superficial (adimensional);
- i: Intensidade da chuva de projeto (mm/h);
- A: Área de drenagem (ha).

1.2.1. COEFICIENTE DE ESCOAMENTO SUPERFICIAL

Coeficiente também denominado por deflúvio superficial ou coeficiente de “runoff”. Variável determinada em função de uma série de fatores, como o tipo do solo, ocupação da bacia, umidade antecedente, intensidade da chuva e outros. Assim, devido às diversas condições e combinações dos fatores citados, apenas parte do volume precipitado sobre a bacia atinge a seção sob a forma de escoamento superficial. Portando adotou-se um coeficiente de escoamento superficial de 0,75, conforme valores indicados na Tabela 1 - 1.

Tabela 1 - 1 – Coeficiente de Escoamento Superficial

DESCRIÇÃO DAS ÁREAS DAS BACIAS TRIBUTÁRIAS	COEFICIENTE DE DEFLÚVIO “C”
Ruas	
Asfalto	0,70 a 0,95
Concreto	0,80 a 0,95
Gramados; solos arenosos	
Plano, 2%	0,05 a 0,10
Médio 2 a 7%	0,10 a 0,15
Íngreme, 7%	0,15 a 0,20
Gramados; solo compacto	
Plano, 2%	0,13 a 0,17

Médio 2 a 7%	0,18 a 0,22
Íngreme, 7%	0,15 a 0,35

1.2.2. TEMPO DE CONCENTRAÇÃO E PERÍODO DE RETORNO

O tempo de concentração é considerado o período, em minutos, que uma gota de água de chuva cai no ponto mais distante da bacia, demora a chegar até a seção de análise. Devido às características das curvas de intensidade, duração e frequência da chuva, o tempo de concentração inicial mínimo adotado para as bacias é de 10 minutos.

O tempo de retorno ou período de retorno de uma chuva representa o risco que o empreendimento ou projeto está assumindo no dimensionamento de uma obra hidráulica. Ou seja, qual é o grau de segurança que se deseja proporcionar ao empreendimento, sendo que ele é o inverso da frequência com que a chuva ou vazão venha a ser igualada ou ultrapassada num ano qualquer.

Para escolher qual o tempo de retorno que irá utilizar no dimensionamento do projeto hidráulico é importante analisar os prejuízos tangíveis e intangíveis que possam a vir a ser causados por eventos extremos de chuva. Portanto, para o empreendimento em questão foi adotado o período de retorno (TR) igual a 10 anos.

1.2.3. INTENSIDADE DE PRECIPITAÇÃO

As equações de intensidade, duração e frequência ou simplesmente as equações IDF, também conhecidas como equação de chuva, são usadas para determinar a intensidade máxima de chuva de um determinado local.

Para cada região, os parâmetros K, a, b e c da equação de intensidade, duração e frequência (Equação 1 - 2) são ajustados por meio de regressão linear e não linear. Estes parâmetros (K, a, b e c) são definidos por uma série histórica de dados de chuvas, de mais ou menos 30 anos. Além disso, alterando a frequência e o tempo de concentração é possível obter uma intensidade diferente de chuva para uma mesma região.

$$Im = \frac{K \cdot (TR)^a}{(tc + b)^c}$$

Equação 1 - 2 – Equação de Chuva Intensa

Onde:

- Im: Intensidade máxima média de precipitação (mm/h);
- TR: Tempo de Retorno (anos);

- Tc: Tempo de concentração (min);
- K, a, b e c: Parâmetros ajustados com base nos dados pluviométricos da localidade.

No empreendimento em questão, foi utilizada equação de chuva do município de Pouso Alegre - MG gerada pela interpolação de dados do software Plúvio 2.1. Assim, obteve-se a seguinte Intensidade máxima média de precipitação:

Os parâmetros da equação para esta localidade são:

- K: 667,338
- a: 0,184
- b: 20,869
- c: 0,635

$$I_m = \frac{667,338 \cdot (10)^{0,184}}{(10 + 20,869)^{0,635}} = 115,478 \text{ mm/h}$$

1.2.4. VAZÃO

A vazão calculada sintetiza as considerações e cálculos realizados em relação ao tempo de concentração do escoamento e à intensidade de chuva, ao coeficiente de escoamento superficial e a área de contribuição de cada sub-bacia do projeto.

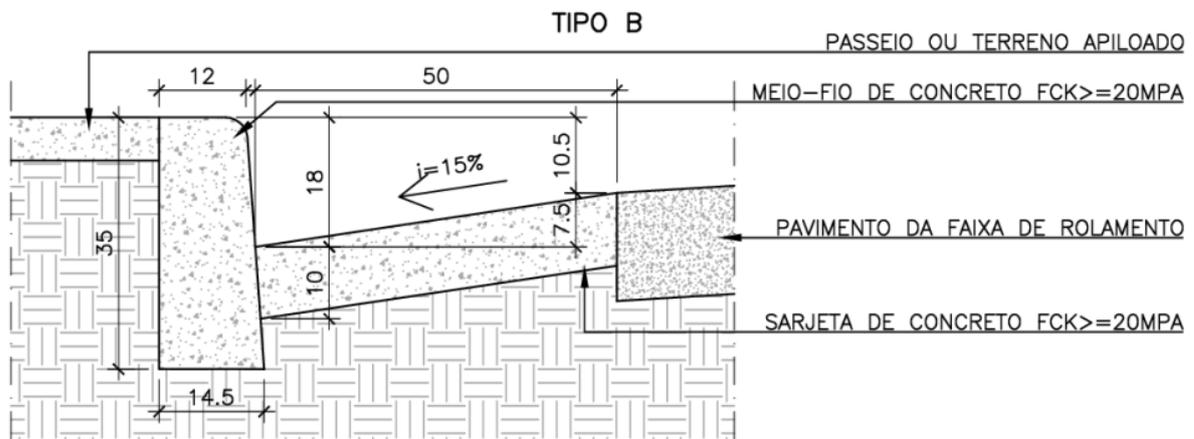
2. PROJETO DE DRENAGEM

O projeto de drenagem tem como objetivo definir os dispositivos de coleta, condução e deságue das águas superficiais que precipitam sobre o terreno, bem como sobre os taludes e áreas que convergem ao mesmo.

2.1. VERIFICAÇÃO DA CAPACIDADE DE ESCOAMENTO DA SARJETA

Para assegurar o bom funcionamento do escoamento superficial, as guias e sarjetas das vias públicas serão limitadas por uma lâmina d'água de largura máxima de 1,67 metros e a sarjeta adotada será do tipo B, conforme Figura 1 - 1.

Figura 1 - 1 – Sarjeta tipo B



Fonte: SUDECAP, 2020

Sua vazão pode ser calculada pelo método de Izzard/Manning, conforme a equação a seguir:

$$Q = 0,375 \frac{Z}{n} * y^{\frac{8}{3}} * \sqrt{i}$$

Equação 1 - 3 – Equação Izzard/Manning

Onde:

- Q: Vazão (m³/s);
- Z: Inverso da declividade transversal;
- i: Declividade longitudinal (m/m);
- y: Profundidade junto à linha de fundo (m);
- n: Coeficiente de rugosidade.

Considerando as características hidráulicas da sarjeta (Figura 1 - 2), a vazão pode ser calculada pela soma algébrica em cada uma das seções triangulares (seção da sarjeta mais seção da via, descontando sua interseção), conforme a Figura 1 - 3.

Figura 1 - 2 – Características Hidráulicas da Sarjeta

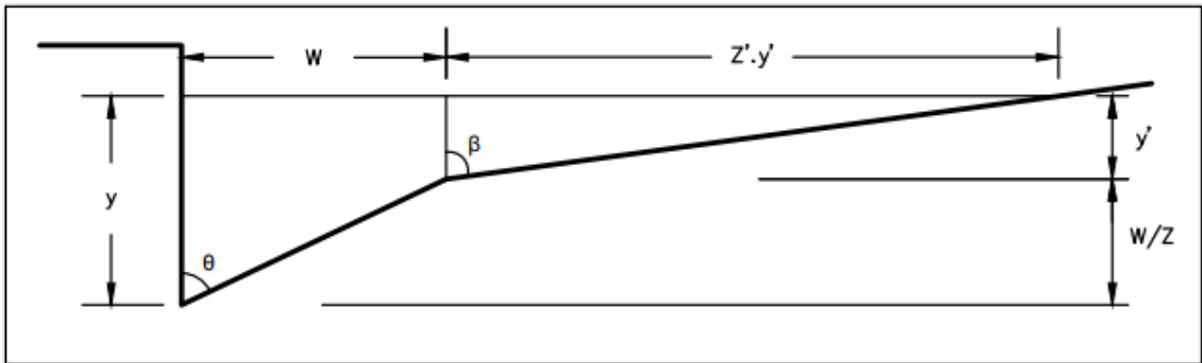
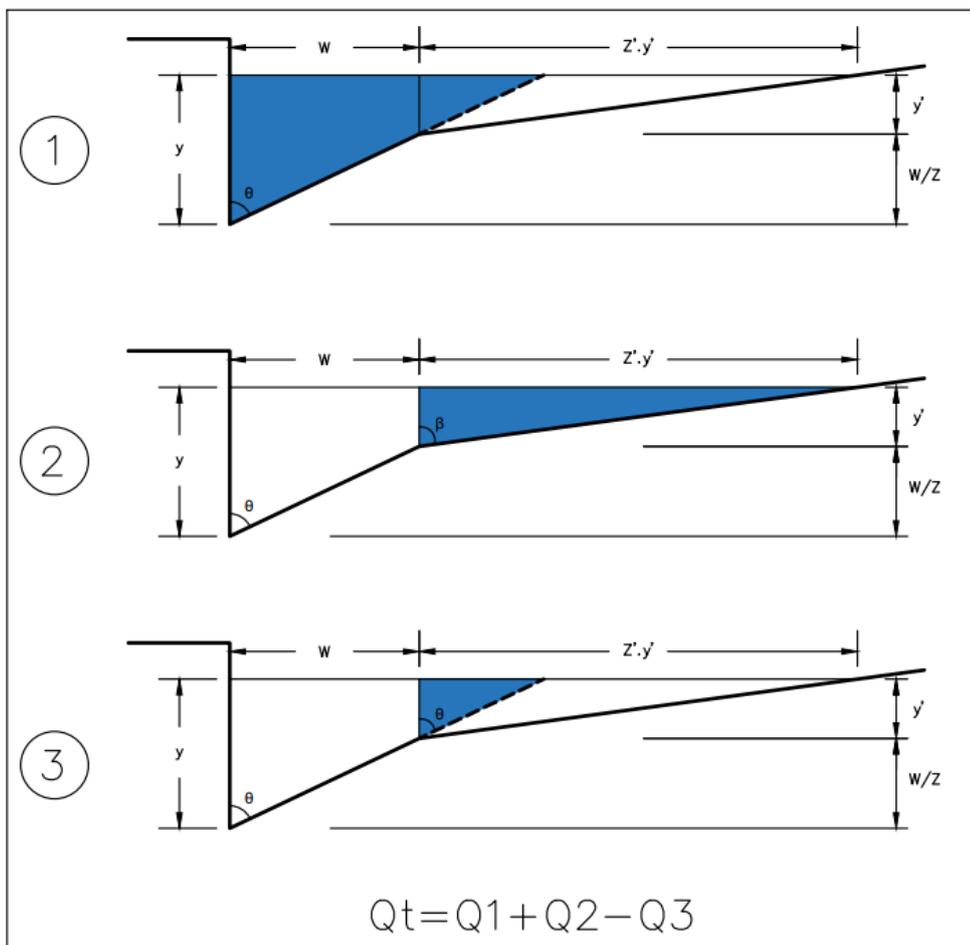


Figura 1 - 3 – Detalhes Hidráulicos da Sarjeta



A verificação da capacidade de escoamento da sarjeta foi realizada calculando a área máxima de escoamento que a sarjeta suporta, considerando-se uma faixa de alagamento máxima de 1,67 metros.

2.2. BOCAS DE LOBO

A boca de lobo foi dimensionada de forma a captar a água proveniente das sarjetas, conduzindo esta através de um ramal até seu descarte na escada hidráulica.

Tendo em vista que, a recuperação da Rua Jacy F. M. Fernandes será executada apenas no trecho danificado, optou-se por manter os dispositivos de drenagem projetados dentro da mesma área e, devido a extensão do trecho ser relativamente pequena, caberia no mesmo um único dispositivo, o qual deve respeitar a área contribuinte máxima, e a capacidade de engolimento teórica da boca de lobo selecionada. Como a vazão de aporte no trecho é muito alta, em virtude da grande área de contribuição da sub-bacia, e da insuficiência dos dispositivos existentes a montante, o único dispositivo capaz de engolir a vazão contribuinte seria a Boca de Lobo Combinada Tripla (BLCT). A fim de aumentar a resistência e a vida útil do dispositivo, o mesmo foi dimensionado com bloco de concreto cheio.

Ressalta-se que o dispositivo existente no trecho, a jusante do projetado, já se encontrava sobrecarregado, mas sua substituição foi inviabilizada quanto a economicidade, pois seu descarte também deveria ser feito via escada hidráulica.

2.3. ESCADA HIDRÁULICA

A escada hidráulica irá conduzir, as águas captadas pela boca de lobo, ao longo do talude de aterro até o ponto de descarte, e irá promover a dissipação da energia do escoamento, a fim de respeitar os limites de velocidade e, conseqüentemente, evitar problemas de erosão.

Devido a adoção do muro de gabião no talude projetado, optou-se por executar a escada hidráulica com o mesmo material, a fim de manter a uniformidade da obra e torná-la mais barata, quando comparada a estrutura de concreto armado.

2.4. DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO DO RAMAL

O dimensionamento hidráulico é realizado junto à verificação da vazão nas vias, considerando simultaneamente os tópicos a seguir, cujos resultados se encontram no Anexo I.

2.4.1. DIÂMETRO MÍNIMO

Foi adotado como parâmetro de projeto o diâmetro mínimo de 0,60 m para o ramal que liga a boca de lobo à escada hidráulica.

2.4.2. CÁLCULO DA VAZÃO NO RAMAL

Na mesma etapa do projeto, para o dimensionamento, verifica-se a vazão de contribuição para o trecho entre a BLCT e o ponto 2 (indicado em projeto) onde tem início a escada hidráulica.

2.4.3. VELOCIDADE DE ESCOAMENTO

A velocidade do escoamento é um parâmetro fundamental na definição da galeria a ser projetada, ou em sua verificação hidráulica. Se, em função da declividade do conduto e de suas dimensões o fluxo na galeria apresentar velocidades baixas, poderá ocorrer assoreamento ao longo de sua extensão. Porém, se a declividade for acentuada e a velocidade ultrapassar o limite máximo recomendado, é necessário à adequação da declividade ou o redimensionamento do conduto, de forma a evitar a ocorrência de fenômenos erosivos no interior da galeria, mantendo o tempo de vida útil de seus dispositivos.

Assim, os limites de velocidade d'água no interior das galerias serão os seguintes:

- $V_{min.} = 0,75$ (m/s);
- $V_{máx.} = 6,00$ (m/s) (ou velocidade de seção plena).

A velocidade pode ser calculada por meio da Equação 1 - 4.

$$v = \frac{R_h^{\frac{2}{3}} \cdot \sqrt{I}}{n}$$

Equação 1 - 4 – Velocidade

Onde:

- v: Velocidade (m/s);
- I: Declividade do conduto (m/m);
- Rh: Raio hidráulico (m);
- N: Coeficiente de rugosidade (adimensional).

O raio hidráulico (Rh) é obtido por meio da Equação 1 - 5:

$$R_h = \frac{A_m}{P_m}$$

Equação 1 - 5 – Raio Hidráulico

Em que:

- A_m – Área da seção molhada (m^2);
- P_m – Perímetro molhado (m).

O coeficiente de rugosidade é adotado conforme o material empregado no dispositivo, como determinado na Tabela 1 - .

Tabela 1 - 2 – Valores do Coeficiente de Rugosidade para diferentes Materiais de Revestimento

Material	Coeficiente (n)
Tubos em PEAD	0,010
Galerias ou bueiros em concreto	0,014
Canais trapezoidais ou retangulares:	
Em concreto	0,013
Alvenaria de Pedra Argamassada	0,025
Em gabiões	0,029
Em gabiões revestidos com concreto magro	0,018
Sem revestimento	0,030
Asfalto	0,013
Em concreto irregular	0,033
Revestido com grama em placas	0,030
Revestido com enrocamento bem construído	0,030
Concreto para sarjeta	0,015

Dessa forma, a partir dos dados de comprimento e declividade do ramal, foi obtida a velocidade de seção plena igual a 2,96 m/s.

2.4.4.CAPACIDADE MÁXIMA DO RAMAL

Para a obtenção do valor máximo suportado pela via e para o dimensionamento das galerias é empregada a equação da continuidade. Assim, a vazão máxima à seção plena nos condutos é obtida pela a seguir.

$$Q = v \cdot S$$

Equação 1 - 6 – Vazão

Em que:

- Q: Vazão (m³/s);
- V: Velocidade da seção plena, apresentada no item 2.4.3- Velocidade de escoamento (m/s);
- S: Área da seção (m²).

Portanto, como critério de dimensionamento, a capacidade máxima da galeria deve ser superior à vazão que se deseja transportar.

Logo, a partir do dado de velocidade obtido, foi possível calcular a capacidade máxima de vazão de projeto, e obteve-se um valor de 0,84 m³/s.

2.4.5.DESCARTE

O descarte será realizado a partir da escada hidráulica posicionada na saída da boca de lobo combinada tripla (BLCT) que está projetada nas coordenadas N 7.543.246,2795 m e E 403.402,8119 m. A escada amortecerá a velocidade do escoamento e irá levar o escoamento até um dissipador de energia em pedra argamassada, que irá se estender até as margens do corpo hídrico existente no local, onde será feito o descarte, conforme projeto de drenagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANA - AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (BRASIL). Hidroweb: Sistema de Informações Hidrológicas. Disponível em < <http://hidroweb.ana.gov.br/>>. Acesso em: 13 abr. 2022.

CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano. Manual Técnico de Projetos. Agosto de 2008.

DER-SP – Projeto Padrão – PPS Drenagem. Disponível em: < <http://www.der.sp.gov.br/Website/Acessos/Documentos/Tecnicas.aspx> >

PORTO, R.M. Hidráulica básica. 2. ed. São Carlos: EESC-USP, 1999.

RAMOS., C.L.; BARROS, M.T.L.; PALOS, J.C.F., COORD. (1999) – Diretrizes Básicas para Projetos de Drenagem Urbana no Município De São Paulo. Prefeitura do Município de São Paulo e Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica – CTH, São Paulo.

RIO DE JANEIRO (MUNICÍPIO). Instruções Técnicas para Elaboração de Estudos Hidrológicos e Dimensionamento Hidráulico de Sistemas de Drenagem Urbana. p. 60. Dezembro de 2010.

SÃO PAULO (ESTADO). DEPARTAMENTO DE ÁGUAS E ENERGIA ELÉTRICA. CENTRO TECNOLÓGICO DE HIDRÁULICA E RECURSOS HÍDRICOS. Equações de Chuvas Intensas do Estado de São Paulo. São Paulo: DAEE/CTH, 1999. 141p.

SANTOS, L. C. C. Estimativa de vazões máximas de projeto por métodos determinísticos e probabilísticos. 2010. 173 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia Ambiental) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

TUCCI, Carlos E. M. Hidrologia: ciência e aplicação. 4. ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, ABRH, 2009. 943 p.

ANEXO I – PLANILHA DE DIMENSIONAMENTO HIDRÁULICO DO RAMAL

PROJETO DE RAMAL DE ÁGUAS PLUVIAIS																		
JACY FLORENCE																		
coef. de esc. superf. :		0,75		tc inicial =		10 min												
coef. de manning Concr./PEAD:		0,014 0,010		TR =		10 anos												
Trecho			Ext. (m)	Área de Contribuição (ha)		Δt_c (min)	tc (min)	Intens. (mm/h)	Vazão (m ³ /s)	Seção (m)	Material	Decliv. (m/m)	Capac. Máxima seção pl. (m ³ /s)	Veloc. a seção pl. (m/s)	Q _{proj} Q _{pl}	V _{proj} V _{pl}	V _{proj} (m/s)	y/D
Mont.	-	Jus.		Parc.	Acum.													
1	-	2	7,50	1,850	1,850	0,04	10,00	115,478	0,445	0,60	Concreto	0,0215	0,836	2,96	0,53	1,02	3,00	0,52